



**Cancioneiro
dito “dos
Antiguos”**

ÍNDICE

5 <i>De onde vem o Cancioneiro dito "dos Antíguos"</i>	
9 <i>O que é o Cancioneiro dito "dos Antíguos"</i>	34 <i>"Com quem se vai casar" Jogo de Mãos @s Pauliteirit@s Viseu Norte</i>
10 <i>Do lugar de Abraveses</i>	36 <i>"Romance do Tenente-coronel" Os Antíguos</i>
14 <i>Jogos e Jogadores</i>	42 <i>"Com quem se vai casar" Jogo de Paus @s Pauliteirit@s Viseu Norte</i>
19 <i>Ruas e Poisos</i>	43 <i>"Passa ora passa" Os Antíguos</i>
21 <i>Valências locais</i>	45 <i>"Ronda das tascas" Os Antíguos</i>
25 <i>Gentes e Ofícios</i>	48 <i>Notas</i>
32 <i>As canções do Cancioneiro</i>	51 <i>Ficha Técnica</i>
33 <i>"Toque d'Os Braveses"</i>	



De onde vem o Cancioneiro dito “dos Antíguos”

Pinho Leal, no seu famoso “Portugal Antigo e Moderno” (1873) escrevia a propósito de Abraveses: “*freguezia, Beira Alta, districto administrativo, bispado, comarca e concelho de Vizeu, 285 kilometros ao norte de Lisboa, 340 fogos. Orago Nossa Senhora dos Prazeres*”¹.

Com todo o respeito que nos tem o insigne Pinho Leal, em nenhum momento refere que Abraveses agora se escreve com “s” — por vezes — e que da Vila que é (é verdade, é Vila) nada deve ou teme a outras e estruturantes narrativas nacionais. Não foi palco de epopeias Camonianas, mas também não foi palco de batalhas navais. Não se pode ter tudo e Abraveses não o terá. Ainda assim, terá mais que o que em 1873 se decidiu aboletar ao território de, então, 340 fogos.

Disto não terá culpa exata o Senhor Pinho Leal, mas poderia ao menos ter envidado esforços para encontrar bola de Cristal e esmiuçar o futuro. Só não alcança quem cansa, na inversão do mote e ex-libris de Aquilino Ribeiro [“Alcança quem não cansa”, no original] e que terá, em Abraveses, secundando um fôlego que o levou a novo exílio. Isto após fuga do Presídio do Fontelo, com remoques de produção Netflix. Aquilino escrevia e exilava, frequentemente, vai não vai por ser ao tempo o que hoje denominaríamos “terrorista doméstico”. Fosse por albergar bombistas com ideias de atentar contra o rei — no tempo deles e dele — fosse por congeimar contra a ideia de Nação que a outro beirão mais encantava, mas nenhuma réstia de voz livre permitia.

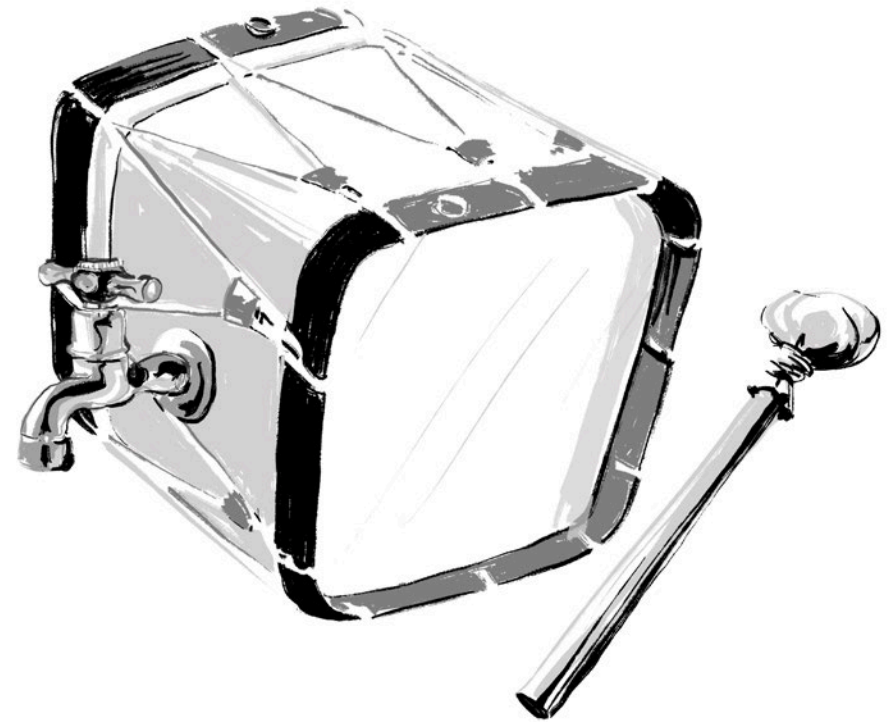
¹ LEAL, Pinho. “Portugal Antigo e Moderno”. Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia, 1873. Vol. 1, p. 20. archive.org/details/gri_33125005925538/page/20/mode/2up

Voltando ao que poderia afirmar sem bola de cristal e mais antigo que o “Portugal Antigo e Moderno”, seria a Via Romana por onde se fazia de lajeado o percurso até aos estanhos de Bodiosa, mais adiante, e ao Norte, se com vagar e intenção. Não havia estanho sem carro e carro sem paragem. Carro que não é automóvel, se dúvidas tiver o leitor. Parava-se em Abraveses, o carro e o condutor com suas bestas. Ou as bestas e o carro com os animais, presos nas argolas ainda não há muito visíveis na frontaria do Zé da Bucha, cuja Senhora, entre buchas, entremeava conversas a quem as registava nos calabouços pidescos Lisboetas — que ficavam somente a 285 quilómetros, por sinal, dizia Pinho Leal — para garantir a paz na terra e o Bem da Nação.

Da Via Romana não se sabe mais fora o que se diz de ser, já que lhe pavimentaram as ideias Clássicas com betume e alcatrão, para a proteger do frio. Os caminhos e estradas romanas sofrem muito de artrite, é sabido. Ficou assim com os dedos de fora, numa curva, para mostrar ao que tinha vindo quando a fizeram.

Abraveses — e não sabia nem pesquisou Pinho Leal — é origem e proverbial Centro do bombo. Não de 80, ou de 70 cm, que desses há onde ver noutras paragens e vêm num segmento de cilindro revestido a pele de cabra. Antes a terra do bombo geométrico que Euclides procurou toda a vida sem conseguir decifrar como atingir mester. Há-os quadrados — e os adufes que vão para o catano, porque são adufes e não bombos. Há-os triangulares — e os ferrinhos para o sítio com eles, que ferrinhos até quem escreve toca. Mais dia menos dia, virão os trapezoidais, ou não passasse por aqui o Pai Natal, aterrando de avioneta e circulando de buggy (as renas não “funcionam” com temperaturas acima de 0º)! E se não vierem de outras formas e formatos e contas, com ângulos difíceis de que se esquece quem não é das matemáticas/engenharias... há variedade suficiente para ser impressionante e substância q.b. para ficar registado. Está feito. Com direito a bar no bombo e tudo, que é como se faz, quando a alma não é pequena!

Este Cancioneiro dito dos “Antíguas” pela população que o protegeu, entrega-se agora a quem o não proteja, mas acrescente, como quando se finta a massa do pão e se lhe encomenda a saúde, antes de a ver multiplicar em qualquer coisa que se sinta no “arrefinamento” do dente depois da cozedura.



O que é o Cancioneiro dito “dos Antíguos”

Ora um Cancioneiro é um compêndio de canções. Pode ser sob qualquer forma, até digital, desde que lhe saibam as manhas da disquete. O que importa é estar ali o que muito se faz e consegue para o modo como qualquer grupo, comunidade, ou grupo de comunidades, se exprime quando a vida puxa ora à lágrima, ora ao riso.

“Quem canta seu mal espanta”, diz-se; e espantam-se hoje quando as crianças em fila não cantam, mas sossegam aos que deles têm de endireitar — “dois a dois, mão dada”. Os tempos mudam, mas antes de mudarem os tempos com essas coisas do devir e do fuso horário, havia tempos que não sabiam bem. Fosse pela ausência de tempero, fosse pelo excesso de têmpera: há que ter firme a força de que se faz forte gente, ao contrário do outro que a fazia fraca (Camões, no Canto III dos Lusíadas, aparentemente a “mandar postas-de-pescada” a D. Fernando). Nesses tempos, de antigamente, havia Antíguos — a grafia dá pistas, certo? — que nos atos públicos de necessária partilha de espaços, lá cantavam para alijar as costas e o espírito. Gente calada não trabalha como deve e pode. Isto da necessidade tem mais que saber, mas vamos por partes e aos bochechos.

Ora os Antíguos que se dizia Antíguos, quando se falava mais do que escrevia — até porque escrever era coisa de escolas e não as havia sempre ao dispor — tinham sempre modinha pronta na bainha da língua e destacava-se mais quem mantinha a lâmina afiada. Língua viperina, diriam os outros.

Neste Cancioneiro saltam de recorte 6 “canções” [para tornar fácil o entendimento], com sua letra [quando há] e métrica e cadência e afinação. Também salta a partitura. São poucas? Bastam 4 estações

e não bastam 6 canções? O que é suficiente acaba por ser conta de merceeiro que, à razão de garantir almas, se lembrava de as afamar com o metal que pedia como contrapartida. O mundo terminou no dia em que o papel substituiu a moeda e foi de encomenda a quem o congeminou, no dia em que o papel foi trocado pelo plástico. Agora ninguém sabe o que é contar tostões e não se fazem guerras como as de antanho em que se rapavam (e rapinavam) os “tustos” para fundir em canhão e bala. Imagine-se o botão, o jogo do belo e circular botão: vai um e se acerta no do parceiro, abafa-lho. Ainda há botões, que ninguém arrepie conversa... Ora no abafa do botão, rasgado à roupa velha ou caído da menos velha, se passavam horas.



Os Antíguos abafaram muitíssimo e se acham por um momento que o saber não passou de geração, vejam a conta bancária e os cêntimos das comissões que voaram como andorinha em fins de Setembro porque... ninguém sabe com certeza, mas diz-se que as contas bancárias têm botões e em cada botão que se carrega há um botão do banco que acerta no nosso. Outro jogo era o do Rapa. Os bancos também rapam.

Descansando a alma e os azedumes, este Cancioneiro tem o que tem e tem mais do que outros que não têm nem Cancioneiro nem canção que lá “botar”. Falta aqui a “coisa e tal” igual à outra que se lembra Vexa. de lhe cantarem para embalar a dor de dentes? Vamos dar-lhe tempo e lá a colocaremos também, quando a descobirmos.

Do lugar de Abraveses

Há duas lendas quanto ao nome de Abraveses. Uma é simples, como sempre há uma, que remete para o espírito do povo. Um povo bravo, “bravês”, e a terra, sendo dele, seria dos “brâveses”: a dos “brevêses”, como mais a Sul se dá nome aos lugares “A-do-Barbas”, “A-da-Loira” e por aí fora, até ao denotado ciclista, João Almeida, que é natural de “A-dos-Francos”. Já se vê a coisa e ideia, tendo o tempo removido “dos”, para manter a terra como primordial, tão “bravêsa” como o seu povo.

Uma outra explicação, entranhada no imaginário romano peninsular, implicava uma casa amuralhada. Uma casa que, de tão antiga, poderia ser de antes mesmo de quem um dia decidiu fazer terras. Esta casa — nessa romanização — possuía um portão que se fazia abrir pelos legionários quando houvesse feição e ordem para tal. Não era portão de porta aberta e copo cheio até à bordinha. Este portão abria por vezes, às vezes, só às vezes. Quando abre o portão, poderia perguntar quem esperava: qual é a hora certa para entrar? Abre Às vezes, respondiam. Esta terra é a do portão que só “Abre-às-vezes”... entrando, davam malha os romanos, a quem queria entrar por maus motivos. Os romanos gostavam de malhar, tanto quanto os bancos gostam de rapar.

Ou o inverso, convictos na defesa quanto aos romanos, se se quiser crer que Viriato era bravo, mas não Bravês, porque lhes ficava longe na valentia e mais longe ainda no ribombar. O lusitano pastor, saberia do assobio, jamais se falou do seu conhecimento no bombo.

Dê por onde der, não há vista de Viseu como a que se tem a partir de Abraveses. Se há coisa que se deve ter presente, essa é uma delas.

Se há coisa que se deve experienciar, por conta própria e sem selfie do Instagram, essa é uma delas.

Ali, no Alto de Abraveses, onde quando as gentes querem ir ao centro da cidade, dizem “vou lá acima”, que é sempre a descer, em bom rigor, mas ainda assim a uma cota menos elevada que a do morro da Sé... ali mesmo, se está no lugar central do Mundo.

O que já Ovídio devia pensar, sem o escrever nas Metamorfoses, era que às Mulheres e Homens e tod@s @s pesso@s mais, uma boa vista inspirava a uma boa melodia. Sopra o vento, como se dos Alpes se contasse na mítica elevação ao Mont Ventoux. Para isso se criou a proteção de um agregado de edifícios que, dando costas ao frio, resguardavam janela para a planura entre esse ponto, o Rio e a empoleirada Catedral. A Serra da Estrela, essa, imagina-se para lá da neblina, ebúrnea e perene. A Igreja da terra, por seu turno, ficava só e deslumbrada, sem casario, no “em antes” de há tanto tempo quanto um postal com registo a preto e branco.

De Abraveses também iam “Ratinhos” às searas do Alentejo, sendo este o “título” atribuído aos trabalhadores sazonais que das Beiras se deslocavam em busca de algo com que compensar o ano e os dias possíveis. Do Alentejo pediam que a Serra se fizesse invisível ou pequena, para ver lá de longe a casa: cá tão longe tinha ficado. Assim, pela música que se cantava enquanto as mãos se ocupavam, deslindava-se de cabeça o desejo do regresso. E se um cantava, outros ouviam; outros ainda se juntavam, fazendo coro.

É nestes anseios que se cria a ideia de músicas de todos. Aquelas que dizem respeito ao grupo quando junto ou ao elementos desse grupo, mesmo se separados. Não é baile. É saudade e abnegação.

Abraveses era de campos e quintas, mas as leiras e belgas do Centro e Norte pertenciam a poucos. Tinha-se uma horta, ou talvez nem isso. Os correrres de árvores estavam em quem os podia. Quinta era palavra grande como de uma nobreza só. Não há muito se ia ainda, pelas “quintas”, Avenida — da Bélgica, na toponímia contemporânea — abaixo; e de fruta em fruta, fazendo barrigada de Verão até à Cisterna que só não valia pelos cães — danados de bravos. Na vinda ia-se à passagem de nível ajudar quem tinha por função estender as correntes e garantir o serviço. Quem tinha quintas, tinha fruta e a fruta vem bem, precise-se ou não dela. Quem não?

Já se referia em 1758, nas ditas Memórias Paroquiais:

Em pouca distancia [de Santo Estevão] esta situado o lugar de Abrauezes com a frente a cidade, lugar grande que consta de cento e nove fogos, com trezentas quatro pessoas. Tem este em todo o cimo do dito lugar huma capella da invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, imagem de muita devoção, e tem somente hum altar onde se venera a mesma Senhora, e hé paramentada pellos moradores do dito lugar, não tem irmandade alguma, somente huma devoção feita em vinte de Janeiro ao Senhor São Sebastiam para o que elegem mordomos que concorrem para missa cantada e sermão, e não se faz nella funçam alguma na dita capella, nem tem couza notavel. Este mesmo lugar esta situado em alto e baixo para a parte do Norte e não tem senão huma unica fonte, donde concorre todo o povo para o uso, como não tem rio algum e prezas poucas. Para quaze todas as partes se cultivam suas terras, que dão centeio milho trigo vinho. E azeite pouco que mal chega para os moradores da terra porque essas terras que cultivam a maior parte dellas hé de senhorios particulares, cauza por que hé povo muito pobre que lhe custa muito a viverem pelo seu trabalho, e não tem este lugar mais couza notavel que se relate.²

Isto das Idades se contarem por voz de poucos! Nos idos de XIX o Sr. Leal dava-lhe na singeleza. Nos ainda mais idos de XVIII, o Sr. padre cura da Sé, Manuel Gomes Simões, atira-lhe com a pobreza e a falta de coisas notáveis!

Da Igreja se sabe que era mais dourada que a embaixada da Rainha de Sabá a Salomão. Desmantelou-se o “oiro” da talha em caminhos de pedras que iam a paragens distantes. Diz-se como de muitos lugares e paragens, Portugal fora. Nem que seja só por aí, se sabe também que é de dar desconfiança a parte do quanto se escreve e se pede que se atribua ao que se entoa. Como aquela famosa: “Ai Tra-Lá-lá Lá-la-ri-Ráa”. Conhecem?

É neste encargo dos Cancioneiros que se destaca o seu limite e perti-

nência. No de fazer ver e ouvir a quem os veja e ouça, que há mais o que dizer e que o notável está sempre a dois dedos de conversa de encontrar. Procurem-no, possam Vexas. dispor das horas.

Vamos pular duas centúrias e acampar nos idos de 1950 em diante que assim se marcam melhor as diferenças. Daí em diante, melhor que pior.

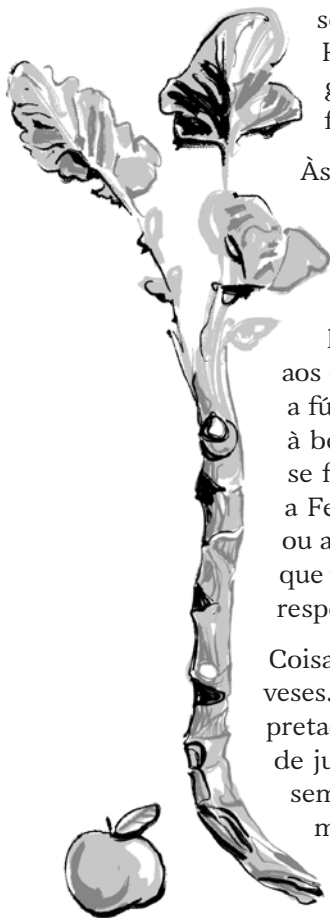
² CAPELA, José Viriato. “As freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758”. Braga: Ed. de Autor, 2010. P. 731.

Jogos e Jogadores

Tinha já a Igreja um adro como Adro, em maiúscula, que se dizia mais frequentemente Arraial; e uma Casa mortuária. Ainda havia hortaliças nas redondezas. Gente afoita à prédica, mas sobretudo à prática, dava-lhe a juventude no Hóquei. Os "sticks" adornados e com ares de gentleman sempre foram caros, mas não se fica por isso, quem tem gosto e arte.

Às couves, a quem as conhece por tu, se lhes sabe do caule maciço de coluna e a portentosa raiz — que se não for isso, algum biólogo avance com o nome certo. Ora, dos moços que pululavam no que noutros locais seria dormente calma, iam com afinco aos enfeitados espigos sem folha e se lhes dava a fúria de os arrancar. Ali mesmo, em frente e à beira da estrada principal. Era daquilo que se faziam "sticks" e derivavam "stickadas". Se a Federação aprovava ou não o equipamento ou as regras, estaria por afirmar, já que nem os que usaram perguntaram, nem os que poderiam responder vieram algum dia a saber.

Coisas notáveis de ser miúdo e de o ser em Abra-veses. Certo e sabido era a regra ter direito a interpretação. Nunca se esquece que ser juiz é dispor de juízo. Varia e vai de modas. As regras nem sempre calhavam a jeito e ia-se furúnculo em mão ao que deveria ser bola aos pés. A couve tronchuda; a cabeça entrouxada... acontecia muito.

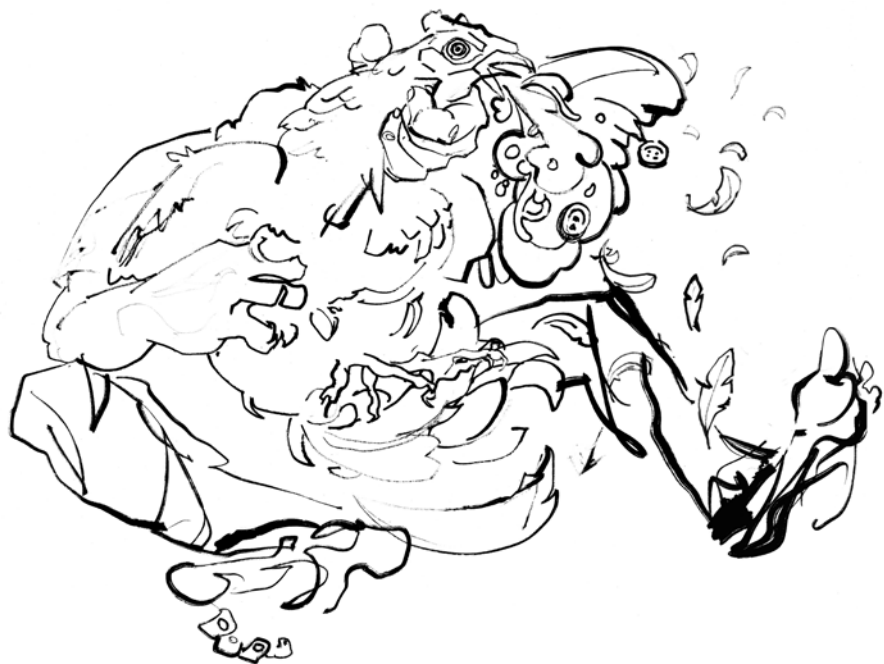


*

Entra aqui o Vouga (não havia outro sítio, tinha de ser aqui) que mais tarde se casou com a Dona Odete. Só mais tarde. Não vem a propósito. O Vouga era um "gamer" [com pronúncia à inglesa]. Naquela altura ser "gamer" era corrente inovadora, sem necessidade de corrente elétrica, o que poupava nos custos e aumentava a sustentabilidade. São os precursores, como se diz. Ora, este Vouga que não era rio, jogava ao botão e jogava com os restantes e como os restantes (afinal eram todos "gamers" e todos inovadores), de mansinho rapinando botões à roupa ou procurando nas caixas de costura, para os ir entregar com estrondo em cima dos equivalentes dos parceiros. Abotoar-se não vem daí, mas não era rara a ocasião em que ora se chegava a casa sem botão de qualquer espécie, ora com os botões de todas as espécies que os parceiros tivessem decidido arriscar na procura de fama (e fortuna) juvenil.

Já se aflorou a coisa, mas repete-se com detalhe. Era simples: o botão estava quedo, no meio do recinto de jogo e alguém lhe atirava com a força e destreza possível, outro botão para cima. Acertando, ficava-se com o botão anteriormente posse de outros e tinha-se direito exclusivo a uma ou várias afirmações de mérito auto-proclamado. Para quem não consiga visualizar, experimente em casa, com roupa menos nova, imaginando que há um Vouga do outro lado da sala. Se o Vouga imaginado lhes fizer caretas e, zombeteiro, se mexer ao som do "Walk Like an Egyptian", mordam a língua ou vão-se a ele... imaginando tudo, claro; não esmurem a almofada, por favor. Assim se experiencia o que era jogar ao botão. E perder. Com um Vouga a poucar-nos...

Um dia, veio uma galinha — não era do Vouga — e deu-lhe para deglutir um botão. Um dos bons, que se destacava e "era da sorte". Raispalira da galinha e de tudo o mais que houver para com isso a insultar! Bica, bica e foi-se logo àquele! Ora não se ficou quem ficou sem o botão e numa sorte de "nada ver à frente" agarrou no papo da galinha um Antíguo, com tanta vontade que lho arrancou... [silêncio de horror com um misto de imortalidade "caramba que arrancou o papo à galinha!"]. Entre a elevação a semi-deus grego em busca do tosão de ouro e um agora já vais ver como elas caem quando chegares a casa, baixou os olhos o Antíguo e deu-se pranto à necessidade de confissão.



Tempos houve em que papos arrancados implicavam confissão e emenda. O arrependimento nem sempre é certo, dependendo das idades. O Padre Fernando que também era dado ao jogo (de estar com outros, sem malícia), compreendia bem o sentir que vinha com a perda e internamente se conduía com o repente agressivo, mas externamente aplicava a sua admoestação: umas quantas orações de tipo especificado e — lá está — a procura do arrependimento necessário à causa. Até aqui tudo bem e lá se faz o sacrifício de pensar na galinha como animal sem proveito de razão, apesar de o botão ser o menos indicado para irrazoabilidades de fauna pouco avisada. Dias passados, lá vem vergonha (e mais necessidade de arrependimento) que o Padre Fernando, cara fechada, indicava penitências em confissão, mas ia espalhando entre gargalhadas que o Antigo tinha arrancado o papo à galinha comedora de botões. E riam-se pela galinha, pelo papo arrancado e pelo botão que fazia ferver quem tinha sem ele acabado o dia. Ao dono da galinha lá teve de se encontrar substituta. A boa-vizinhança assim obriga. Jogo? Sem botão, sem galinha, sem vitória e sem idade para dizer aos outros o que se achava que deveriam fazer com as gargalhadas a custas próprias. “Nunca mais jogo. Até ao próximo [jogo], não jogo mais.”

O célebre Padre Fernando foi, também, primeiro a ter televisão, em terras de Abraveses. Há uma História que está por escrever, por esses que são historiadores, quanto às casas/cafés que primeiro tiveram televisão num dado ajuntamento. Os Padres farão boa percentagem desses mencionados. Televisão não é jogo. Certo: mas vem na sendo dos jogadores. A outra televisão. A que veio a seguir e não era de um só, essa instalou-se na sede dos Pauliteiritos e — outras vidas — fazia-se pagar bilhete para entrar e assistir ao que quer que estivesse a dar. Hoje ninguém vê TV; muito se queixam as almas, da má TV. É presumir, ainda que por um segundo só, que não havia nenhuma, nem modo de a substituir... esses foram os momentos de pagar bilhete para ver televisão. Em Abraveses também, mas não só.

*

Futebol? Claro. Os Antigos eram dados ao jogo pelado em pleno arraial — ali mesmo em frente e ao redor da Igreja. Terra mais batida no Verão que no Inverno. Caminhava para ser lamaçal nos meses de chuva. Isso não ofende quem joga, mas dá alguns arrepios aos pais dos que o fazem. Até porque — e num aparte assim a modos que sério — ter calçado novo era responsabilidade imposta por quem o oferecia. Usar calçado composto era ponto de honra nas ocasiões e movimentações da vida social. Nem sempre vinha na hora certa, mas o calçado foi um dos pilares do mundo. Na falta de bota ou sapato, tinha-se o tamanco a que se chegava camadas de borracha/pneu, quando necessário. Caceteiro e tamaqueiro são vitupérios futebolísticos, também porque de tamancos se arremetia contra a perna do avançado. Antigamente a bola era menos importante que hoje. Entre o passa a bola ou o jogador, dava-se cedência à bola e acertava-se no fulano, o que revela, numa hierarquia de importância clara, ao que se fazia mira.

Mesmo a jeito estava, ali perto, junto ao cemitério, a casa e oficina do Tamaqueiro. Uma loja aberta aos fregueses e instalada na proximidade dos mais frequentes — quanto à necessidade. Pudessem eles sozinhos assumir as custas e não ia dormir o Tamaqueiro, de tanto remendo que seria rogado a imprimir no calçado, para esconder males dos pais, tias e madrinhas. Só o Padre Fernando — outra vez — poderia tomar essa despesa, se necessário, já que

ia com tanto vigor (tendo vagar) ao jogo de fim de dia, como qualquer outro catraio em busca de ser Matateu, que andou até aos 50 ou 60 anos, a desbaratar remates e portentos. Foi o tempo em que de Belém se conhecia a Torre e o Belenenses. O pastel era coisa de ricos e freiras, mesmo sem filas de turistas.

Coisa que faltava, se faltasse, era a malha. O jogo da malha acontecia por ser o mais simples dos estrépitos da humanidade. Um botão de gente grande, sem a levar para casa. Mais coisa menos coisa e para quem conheça o botão de o haver jogado. Onde? No Arraial, claro está, que está no Adro, pois onde estaria? Os romanos malhavam nos que entravam pelo portão, mas essa era outra. Malha. Aqui havia malha e dava-se malha, só quando se dava em ser romano.

Ruas e Poisos

Um dos insignes de Abraveses esteve por lá umas horas ou dias. Iniciou-se o Cancioneiro com o reconto de Aquilino Ribeiro fugido do Presídio do Fontelo, a 15 de Agosto de 1928. É verdade e fugiu a caminho de Abraveses, pela sua estrada principal, talvez até jogando hóquei com catraios, meio disfarçado de qualquer outro escritor. Se os catraios desse tempo jogassem hóquei, como os do tempo a seguir.

As ruas de Abraveses sempre foram escuras. Estavam juntinhas para curtir o frio e acabava-se-lhes a luz mais cedo que noutros locais. Metia medo aos pequenos — e a alguns graúdos. Não se contavam almas penadas, apenas porque se lhes cantava em época certa, nas esquinas. Cantava-se com respeito e pudor, no Amentar das Almas passadas, ao longo da Quaresma. Ainda se canta, mas menos. Há mais luz e menos alma. As sombras, algumas, continuam.

Uma dessas ruas, contudo, ainda hoje tem nome de Aquilino e — presume quem presume; valha isso à capacidade de endireitar espinhas — deve-se o caso à fuga mais estranha que terá ocorrido em lados de Viseu. Sendo servido por chaves mestras e grafonola escondendo o rasgar de tabuado com serra entregue em fundo de cesto de bolinhos e merenda. Parece pouco? Tentaram Vexas. fazer escapulir alguém nos últimos tempos? Em analógico?

Aquilino foi-se do Fontelo, onde abandonou vista e arvoredos, pela estrada principal acima até ao Alto de Abraveses e abancou retinto em casa de médico seu amigo, antes de desabancar, refeito, para os lados de Espanha. Não foram os méritos de escritor que largaram na toponímia, foram os ecos da proeza.

*

Hoje tudo tem escola. Por vezes queixam-se as pessoas é da falta de educação. Não há muito, assumia-se a educação e o que faltava eram escolas e quem as pudesse frequentar. Havia uma ali na terra, feita pelo povo. De madeira, com dois andares que se cruzavam por escada mais ou menos íngreme e estreita. Cumpria a função e estava a coisa. O importante era lá dentro.

Por baixo da escola houve ainda “o” JOC [um dos centros da Juventude Operária Católica], onde se pavonearam atores amadores e pedantes tentativas. Umhas mais salutarezes que outras. De qualquer modo, a quem falta palco, faltará sempre oportunidade para o testar e o que sobra são as tentativas. As nossas e as dos outros. JOC, onde começou o Desportivo de Abraveses. Mesmo em frente do Coreto — que também o houve.

Carregando na escola, esta tinha duas casas de banho cuja função se desempenhava numa estratégica configuração em “T”. O porquê da coisa, assim, ficou ao cuidado de quem a divisou. Resulta que não resultava sempre da melhor maneira e havia mais cuidados que o desejado. Lado a lado, uma da outra, parede apenas a separar: a dos alunos e a da professora. Imagina-se...

*

Uma marca toponímica era o Fundo do Povo, a Praça Vermelha. Abraveses, mesmo, mesmo, ia do Arraial (a Igreja e envolvente) ao Fundo do Povo. Pelo caminho ficava o entretanto da vida quotidiana, fosse das casas, tascas e lugares, ou das descidas em carrinhos de rolamentos que havia quem soubesse congeminar e conduzir — sendo que o doping mecânico foi apontado ocasionalmente, pelo fabrico profissional de Torneiro e condução excecional de seu filho. Recorda-se quem recorda, com certeza, mas nunca se esquece se sabido, isso é garantia.

Valências locais

Mais do que a agricultura ou gestação quase espontânea de todo o tipo de comércio e indústria, deve-se afirmar sem pudores que, em Abraveses, houve trupe reconhecida nacionalmente [quicá internacionalmente] e procurada com avidez, por públicos e demografias variadas, que o digam na Guarda.

Os palhaços, em particular, não careciam de apoios ou subsídios à exploração e — houvesse qualidade, como havia — se conseguia apresentar o trabalho e espetáculo, onde palco e lugares para a assistência estivessem disponíveis. Foi um destes grupos que, decidido a instalar-se na verve e admiração coletiva, delíneou os diálogos e cenas e, necessitando de uma rábula com frango — hoje seria de borracha — se instigou a adquiri-lo, já depenado, para, mais tarde e na hora certa, o libertar como se caído do céu.

Havia quem conhecesse os timings da coisa, por ter comparecido aos ensaios, ou estar mais por dentro das afinações dos encenadores e assim esperar o momento certo para a piada. Corre o dia e a cena — comprado o frango já depenado: frango verdadeiro, daqueles de enfiar na panela ou tacho — e segue a guarnição para o palco. Implicava o desfecho haver um caçador munido de espingarda ou pistola e caçar (voltado ao céu) uma ave, que seria o já famoso depenado e pronto a ser alimento de confeção, estando nisto a piada de caçar, já preparado, o pitéu. Alguém se perde nos ajustes, por destreza minorada ou distração (ambas temporárias, se tal) e cai do céu o bicho, ainda antes do tiro necessário à causa-efeito. As risadas — porque palhaços em palco, ajudou — encheram a sala e entrou para a história o frango morto antes sequer de a ele se fazer fogo. Se fosse hoje, andavam multidões a refletir sobre a [falta de] necessi-

dade de uma arma em palco; de um frango genuíno ao invés de um brócolo; de palhaços sem paridade de género e representatividade étnico-cultural. Coisas que nem sempre é fácil explicar aos mais novos: cada tempo tem o seu tempo, assim para simplificar o que de facto é simples. Não faz as coisas melhores, mas dá-lhes outra luz.

*

Carnaval??? Ui!

No Carnaval a vida é brava — no bom sentido, que no mau, bem basta o resto — ali para aqueles lados. Ou era. Mais, era... Até houve, um dia elefante, um elefante, feito pelo Simeão. Outra das que se fazia com certa regularidade era o Enterro do Entrudo, como em outros lugares em torno à cidade, mas em cada a seu jeito e modo, como é de supor e aceitar.

Uma tradição a que não havia nome a dar, nas terras vizinhas, era à dos casamentos de encomenda. Ainda tarde se enviada por e-mail ou WhatsApp — talvez Facebook e quejandos — o casamento aos que estavam fora e sem saberem, da noite para o dia, tinham sido emparelhados com alguém. Casamento sério, pois então. Arranjo para a vida, porque não? A mais “casada” acabou por ser moça da terra, afidalgada e que se quisesse teria com que garantir enxoval e almofada a uma povoação inteira, mas casar? Com ela? Nem se com esponsais abençoados, pelo Papa em pessoa, depois de uma sandes de torresmo no Zé das Merendas!

Esta moda de dar comunhão em vida, entre dois solteiros, acontecia por anúncio público, em banhos sem corredor oficializado, meio anónimos na proposta e nunca anónimos no destinatário. Manhã seguinte: todos sabiam e todos se riam. Menos uns poucos. A esses nunca chegava graça. A alguns nem sequer a Graça do encontrar alma gémea.

*

Já na Noite de São João o negócio era diferente. Não se dava, tirava-se. Tiravam-se, melhor dizendo, às dúzias que se pudesse, vasos floridos e por florir, para os ir plantar nas escadas da Igreja. Depois

montava-se guarda, noite fora, entre os que vinham e os que iam, para na manhã seguinte todos terem o seu gerânio (diz-se por nome de todas as outras plantas), tal qual, apenas noutra local. Mais tarde e ao partir “potes” em número superior ao conservar, perdeu-se o gosto e a compostura. Deixou-se o roubo emprestado de fazer valer o abraço da artimanha. Queda a recordação do Alberto Seco e do carro da burra dele, que lá ia também às escadas da Igreja, esperar pela manhã seguinte, encimado por quantos vasos coubessem.



As Festas dos Santos iam assim, com folia e presteza, anunciada de outro modo pela romaria dos foliões, que vingaram as distâncias atirando de costas os púcaros de barro (de outros, que os da mãe custam dinheiro). Apanha! E apanhava. Às vezes, que a sorte calha a todos e nem sempre é madrinha.

A menina dança? Baile era um encostar quanto pudesse, sem ofender aos pudores e humores. Amores? Alguns. Mas Baile não era Marcha, esta já implicava articulação e ensaio, sendo que o Santo António — antiga festa da cidade, antes de um São Teotónio que não puxa nem oferece folia, nem sequer tem canção! Lá se ia também, de Abraveses, às Marchas. Marchando, cantando o refrão e ajeitando meneios. Que Mundo este, visto do Alto e do Fundo do Povo! Do Alto Arraial ao Fundo do Povo, que era — e não se esqueça — a Praça Vermelha — iam as corridas de “trotinetes” que os carrinhos de rolamentos fazem lembrar. Nas Festas do Povo. Sempre as há. Aqui para os miúdos e graúdos se entreterem com a perícia do chegar e com o aziago do azar.

*

O Ano Novo era outro. Outra. Data que se fazia ao longo de dias e se encimava com uma festarola de Janeiras cantada em soleira de vizinhos. Hoje “uma pandeiretada e siga”! Caramba... o que se perde.

Gentes e Ofícios

Em Abraveses, se houvera alguém de escolher outrem, para figurar num compêndio de gentes a destacar, escolheria, certamente, o Tenente-coronel António da Silva Simões, militar, presidente da Câmara Municipal de Viseu e residente. O ser residente fez dele da casa, embora não fosse nativo. Isto cria-se e desenvolve-se, nem sempre é imediato.

Ao Tenente-coronel, junta-se o facto de ter dado espaço próprio para que os miúdos (género específico) da localidade, não andassem sem ocupação e — melhor — pudessem ter ocupação e regras. Não considerava deseducados, antes merecedores de mais educação e caminho. Foi assim, diz-se que, também por não ter geração sua, que década de 1950 adiante foi dando corpo aos Pauliteiritos de Abraveses. Independentemente de qualquer outra coisa — e se há coisa pela qual Abraveses é reconhecido — aqui está o nome e a fundação. Dava primazia a quem necessitava mais que outros e pedia (exigia) comprometimento. Em troca garantia que havia um móbil para as tardes ocupadas com trocas de posição e jogos de vira/varapau, primeiro adaptadas, depois próprias. Primeiro com roupa a calhar, depois com encomenda específica ao modelo.

Para que se veja e saiba, a roupa e o calçado, mais do que de desgaste para o botão e a bola, era um modo de estar presente e assente como membro de uma comunidade. Ir à missa e o fato de ir à missa, ainda hoje se mantêm como quase provérbio. Isto num tempo em que entrar descalço na “cidade” trazia multa ou desaprovação, pelo menos impedimento. Se hoje se martela no direito a usar xanata de praia onde o vento bule, porque sim, porque “Eu posso e sou livre”, não era sequer posto ou próprio que a ausência

de esconde dedos fosse aceitável. Até se sabe de quem tenha, com arame, dado jeito de fazer parecer direito um sapato com boca de légua! O brio sempre assiste a quem se entende.

A imagem de um povo calçado, era a imagem de um povo digno... valha a imagem a quem saúda os tempos idos. O direito a que se fazia vista era o de um dia ter com que calçar, nunca o de ter com que descalçar. Coisas do vai que foi da História.



Os Pauliteiritos eram e continuaram a ser uma boa obra, por vontade de quem a quis e por mérito de quem a corporizou. Tanta marca e sentimento só se mantêm se, de facto, houver bom fundo e boa prática. Conta-se sempre, meio em surdina, que dos bem-fazeres não se faz alarde, que se estudou a criançada já feita adolescente, ali para os lados da então Escola Comercial, o fez porque o Tenente-coronel deu garantia de comprar os livros e de os fazer circular dos mais velhos aos mais novos, assegurando que a nenhum faltava

com que acompanhar matérias e criar saber. Nem isso, que era a récita a decorar, nem as refeições na escola, que o mesmo Tenente-coronel cumpria por serem disponibilizadas aos “seus” Pauliteiritos. Quanta aula “deu” um só homem! Homem que assinava “encarregado de educação”, de todos quantos fez por terem como estudar... isso não se paga. Tal como as muletas que garantiu quando alguém veio a necessitar. Não deu cana e ensinou a pescar; deu barco e mantimentos, para até quando apanhassem o primeiro peixe.



Mais ainda foi conseguindo, pelo natural dismantelar de teatros e palcos, Viseu afora, apetrechar com aproveitamentos, um espaço para Abraveses. Um, onde os Pauliteiritos tivessem casa e o povo, ao lado, sede dos encontros comunitários. Ali mesmo, onde um dia se instalou a televisão de que se fazia pagar bilhete para assistir. Eusébio foi visto em Abraveses, tal como Pelé a sair de campo, ao pé-coxinho. Esse já ia amparado.

*

A terra, quando deu para evoluir e crescer, tornou-se centro de mesteres. Antigamente — e estamos no que vem dos Antíguos, por sinal. Saber uma arte, era ser mestre dela ou ser aprendiz da

mesma; se não se ia a mestre, sendo aprendiz, nunca se iria a lado algum, naquela ocupação.

Contavam-se inúmeros alfaiates — 5 ou 6, tantos eram — de porta aberta e clientes de entrar. Contam-se sem número os ferreiros e sabedores da forja. Entre eles, o Mestre Samuel Figueiredo (outros lhe chamaram Avô), a quem se deve a estrutura da estátua de Sá Carneiro (à Santa Cristina), em Memorial ao mesmo após o acidente-atentado (alguém que diga o quê) de Camarate. Mais um a quem se pode coligir nome, foi Aduzindo Ferreiro, instalado ao lado do Zé das Merendas, onde antes ainda se dizia ser o poiso de Abílio Caiado. Não há riqueza maior que o nome das pessoas ser a indicação de direção. “Vá sempre a direito até ao Zé das Merendas que era a do Abílio Caiado e logo ao lado encontra o que quer, não tem que enganar” imagina-se que possa ter sido encomendado a um de fora. Quem sabe?

*

A Tasca do Virgílinho era a paragem para o vinho made in/by Samarreiro. Último dos oficiais bíblicos — más línguas assim o afirmam — transformava água. Nunca faltaria um quartilho “enquanto houvesse água no poço” lograria dizer. Pois que seja. Certo é que fez do Dão um primor e do vinho um primado. Hoje outros vinhos e bem vindos, tudo se junta e agradece. A memória do Samarreiro está para a do Malhadinhas, no dia em que se contar, de fio a pavio.

Mas o Virgílinho e sua Tasca tinham o encanto extra do pipo ser o recipiente direto na reserva antes do copo. Não havia púcaro ou jarro de intermediação. Poupava na presteza do lavar. A água servia para mais, sobretudo se contando com o chafariz seco, ali em cima, para o que é hoje a Farmácia. Ia-se lá agora cumprir minutos com um bem que escasseia?

O Padre Fernando é que estava bem servido, mesmo à porta, com o fontanário em ferro que alguém desfez. A Rua era da Bica, mas o fontanário era do Povo.

Nisto das tascas e tasqueiros, dos “ofertores” de sustento e substância, tem de haver espaço para o Zé da Febra — adivinhe-se lá porquê — cujo estado natural, era com um rosado de amparo e um

desamparar de pé. Suplício de uns quantos e tantos outros e dos que com eles conviviam. Um dia acabou. O homem que era nem lembrava e assim se conservou, para bem próprio e alheio. Nem tudo são alegrias nas conversas do copo. Importa marcá-lo para que não se esqueça.

Ao entrar na escrita se falou do Zé da Bucha, cuja taberna fica onde é a Tia Alice. Mais uma onde parar. Já se falou da mulher do Tio Zé, não vale a pena repetir. Houve um tempo que se espera nunca mais conhecer, onde cada lugar tinha quem desse lugar desse nota, calhou ali. Os pides tinham pidescos, faz parte da zombaria que a vida por vezes é.

Não se diz o mesmo da Pulga. Proprietária de Café em nome próprio na Rua da Bica, donde se sabia poder ver os rolamentos a partir, quando por aí a baixo os participantes iam, nas ditas Festas do Povo. Quem ganhou? Quem caiu?

*

Os transportadores faziam de Abraveses o centro. Um centro, vá lá. No antes dos motores de combustão serem o dia-a-dia da distribuição, estavam presentes os Carroceiros. O vocábulo, hoje vernáculo, assume que havia carroças, puxadas por animais — ai se nos ouvem! — e as burras (normalmente ou por extensão) lá se emparelhavam, Sol nascido e acompanhavam o Carroceiro até à cidade — lá em baixo, que era “ir lá acima”, já se sabe. Se iam na lisura, vinham no penar da carga a puxar e a pesar, nos costados e na canga/cangalho. Disto se conhecia o bem ganhar do Tio João Carroceiro e do Varandas Carroceiro, Ubers do século XX.

*

Logo ao lado do Virgílinho havia uma outra porta de convívio. Essa pertencia ao Visconde — “medalha” honradamente comprada. Manuel dos Santos, empreendedor e proprietário. Com a medalha, sendo igualmente da nobreza e não já da burguesia. Dele havia o café, onde a horas mais ou menos certas, pelas 5 da tarde, se sentava a comer bife, fazendo disso lanche ou jantar, no que é impossível garantir. Os britânicos aprenderam de onde, o chá das 5? Foi ao não

foi de Portugal? O Visconde tinha igualmente terrenos e quem neles trabalhar, casa e quem nelas manter a ordem, fábrica e quem nelas garantir a antiguidade das coisas que porta adentro iam, mantendo a patine do tempo ou a garantia de ser assim que se imaginava um dia que um dia tinham sido. Talvez na origem, quando tudo era novo.

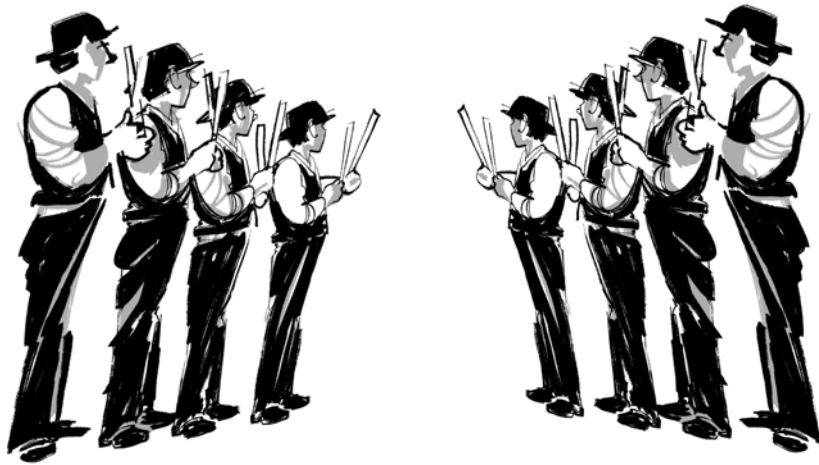
Manuel dos Santos tinha homónimo, Manuel Xuxa por destrinça. Deste último se diz ter aceitado a carne entregue para o outro seu, por lhe perguntarem apenas o nome e sendo certo que era o mesmo, entender que se lhe oferecem algo com etiqueta de assento batismal, nem sequer pedindo mais que o aceno de cabeça, então está certo que pode consumir o que outros pagaram. Foi carne, se calhar a dos bifés das 5. Se bons para Visconde, porque não para engraxador e sapateiro?

*

Cumpra falar dos Resineiros, muitos. E da Resineira, indústria. Ali para os lados da Lunelda (não sabe Vexa.?.; Procure...). Terra de pinhal é terra de resina e se hoje nem se adivinha o que havia a fazer dela, houve época em que não se sabia o quê, sem ela. Pela curiosidade, também se conta um Peleiro, Anselmo de nome ou de ouvir dizer que era, que tratava sobretudo de láparos se fosse o Aquilino a escrever, ou coelhos, para quem lhes acertar uma designação corrente.

Um Fernando Taqueiro (ainda houve erro e lho criam por Tanqueiro) e vários teares de gente que os usava como deve — fica na ideia que junto ao Regedor. As terras também se fazem das pessoas cuja patronímica se garante pelas profissões. Terra vera é assim. Assim é Abraveses. E muito mais.

As canções do Cancioneiro



Saltam as pulgas — não A Pulga — a gato que se coça e as manias a quem baila no arraial da vida. Tem dias, esta coisa de cantar com dedos ou voz. O som, o ritmo, o gesto, tudo junto num só fazer ou, então, composto de partes móveis e mais próximas ao ânimo de quem assumisse valentia para se ir em frente de tantos e todos. Casos se via que era bravata. Casos se sabia que era resposta. Casos outros, vários, sendo tomar na pele o préstimo e honra de toda a comunidade.

São isso os cancioneiros e o que os compõe. Já se falou do cancionar, fica o que cantar. Atenção apenas ao imemorial das palavras do Senhor Padre Abílio em dia de Catequese: “Cuidado com as vozes que caem as nozes...”. Era cana, senhores, era cana. E dóia...

1. Toque d’Os Braveses

Não tem letra — vai tendo — numa marca tão sua que é mais que evidente, em termos musicais, ser um toque completamente atípico com uma métrica que foge ao tradicional compasso quaternário dos toques dos chamados Zés Pereiras. Este é toque dos Zés/Marias Bravos e Bravas, sem distinção de género ou pronúncia assobiada — já se disse atrás que nem Viriato; queiram-no de Zamora ou dos Montes Hermínios.

Se vão ao toque, saibam que lê a alma de quem o ouve e não fica quedo quem de más intentos trazer saco cheio.

Um dia se afirmou que, ao ir lá acima — de lá de baixo, da cidade — se foi tocando Bravês e estremeceu a torre da Catedral, condoendo-se com a paixão do compasso e seu cultores que, nessa ocasião, afirmavam em língua nativa a injustiça de não serem cidade autónoma. Ficou Vila. Estremece ainda a fundação do morro da Sé.

Caixa

Bombo



2. “Com quem se vai casar” *Jogo de Mãos* @s Pauliteirit@s Viseu Norte

Naqueles dias de Carnaval em que andava o povo a casar quem fosse solteiro, juntava-se à festa a miudagem, num traulitar de arrepio. Tão rápido avançavam no bate palma e no troca palavra, que julgavam os graúdos de fora, ser coisa de grande assombro. E era. Julgavam também ser coisa de pouco aprumo. E enganavam-se!

Se hoje há quem conheça ou tenha conhecido o “Com quem se vai casar” de modinha ladeada de múltiplos pequenos seres, saberá então que tudo provém de onde um dia se fez Bravês alguém. Da encosta de bulir nos romanos, dos romanos, ou de outros que assim pudessem querer menos bem, vinha igualmente o prega-partida como ato de comunhão profano. Era o Entrudo antes de o ser, no que até há bem pouco se apresentava como festa das Comadres e dos Compadres, sendo que vale — na definição feminina (assim são os tempos, que se tenta mudar) — para proximidade vicinal ou mexeriqueira, tudo numa só leva... calha que até calha.

Se leram o que leram com ares de tomar conta do que se escreveu, viram que era nota dar banhos públicos aos solteiros das ruas próximas (ou delas nascidos, ainda que longe). Assim a miudagem, entusiasmada por pertencer à festa, ou porque alguém lhes tenha encomendado arrelho, foram de dar palmada em jogo de criança, que se esqueceu, no tempo, de onde vinha.

Hoje se acha novamente, porque dele se criou repositório em PAULITEIRIT@S, assim mesmo. A metralha fica por conta de todos, sejam todos quem forem; venham de onde vierem (desde que venham por bem).



MD = Mão Direita
ME = Mão Esquerda
P = Palma
MM = Mãos com Mãos

Com quem se vai casar
A menina Bianca.

Loiro, moreno
Careca, cabeludo
Rei, anão
Polícia, capitão
Ladrão.
Dono do meu coração.



3. Romance do Tenente-coronel

Os Antíguos

Canção de rima difícil, oriunda talvez de quem nunca tivesse escrito alguma, antes desta, avança com uma aclamação do Tenente-coronel António da Silva Simões, fundador dos Pauliteiros de Abraveses. Esta uma das canções e músicas recuperadas pelo Cancioneiro dito “dos Antíguos”.

Relativamente à figura e espectro do Tenente-coronel António da Silva Simões, surge, como se pode afirmar pela seguinte letra, a construção de um imaginário coletivo, em torno a si e aos resultados da sua ação, para o território em causa. Narrando-se, de forma tida como “em segredo” e procurando, em parte, ocultar do ouvido de um alguém que não se identifica, mas presume ser o conjunto das outras populações e comunidades — indicado no fim da letra. Aqui o Tenente-coronel é transformado num Tenente, que, se sabe ter sido mais. Na questão militar, a hierarquia é pouco concreta — surge a denominação Tenente, e apenas uma vez, Tenente-coronel — não sendo esse o elemento fundamental da narrativa associada. O que resulta e se destaca é a sua relação com os “moços” e, em particular, o que procurou construir em Abraveses, conhecido como os Pauliteiritos. De qualquer modo se ressalva também a menor relação destes com a eventual partilha de origens com os Pauliteiros de Miranda, antes se refere no desenrolar da letra o Vira Minhoto, o que manifesta alguma liberdade criativa.

Uma outra nota é a de que, num período claramente Republicano, se aventar ao regime Monárquico, como o único que poderia sentir inveja, talvez pela permanência das figuras e títulos nobiliárquicos

como contexto central de ações e gestas de Cavalaria: um Cavaleiro-Cavalheiro, ainda decorrente do século XIX e do Romantismo que grassou e se manteve, sendo o Tenente-coronel um expoente deste ideal e, portanto, alvo para intrigas e invejas.

A determinado ponto se menciona o Juiz de Barrelas, por — segundo consta de relato direto — as primeiras interpretações dos Pauliteiritos se terem inspirado, ao menos em parte, nessa difusa personagem da agora Vila Nova de Paiva e que se conta, um dia, a alguém que o tratou por tiozinho — por o ver sentado numa carroça de bois, com suas meias amarelas e sem porte “de Juiz” — e que procurava o “Juiz de Barrelas”, terá respondido algo como: vá por essa rua abaixo e volte por esta rua acima, onde vir um homem sentado numa carroça de bois, com suas meias amarelas, aí terá encontrado o Senhor Doutor Juiz de Barrelas. Esta comparação, por outro lado, será tida por referente moral, o que sempre é garantido aos feitos do Juiz e que também aqui, se transferem para a pessoa do Tenente-coronel, até pelos atos de generosidade que quanto a ele se vão descrevendo.

A mais jocosa das imagens é a do gato que passa e que se refere não o assustar ou provocar atirar de qualquer pau — ao contrário da Tia Xica, da música infantil. Os Pauliteiritos não eram um grupo paramilitar no sentido de agentes de defesa ou praticantes de uma Arte Marcial: eram um grupo ordenado de membros de uma comunidade, criando o seu próprio caminho. Ordeiro, mas sem medo ou abusos.

3. Romance do Tenente-coronel

A1



Se vai de vi - ra, ai vi - ra que vai de pau,

5



Con - te - me Se - nhor da ca - sa a quem se viu jo - gar de mau.

9 **A2**



Eu con - tar a - té po - di - a, mas não pos - so se me ou - ve,

13



que ha - vi - a/a - qui na te - rra gen - te gran - de que se lou - ve.

17 **B1**



Ai que me con - te Se - nhor que eu que - ro é sa - ber

21



de/on - de/é que vem es - sa fa - ma do que se vei - o a fa zer. -

25 **A3**



O - ra bai - xi - nho lhe sus - sur - ro u - mas ver - da - des

29



do Se - nhor que não sou eu - e que/é di - gno de po - tes - ta - des.

33 **C1**



Con - ta - se e me con - ta - ram cer - to di - a num re - ga - to

37



es - se se - nhor des - can - sa - do e - le viu pas - sar um ga - to

41 **C2**



A - zar se a Ti - a Xi - ca mas co - mo/e - ra o Te - nen - te

45



nem pau ar - re - mes - sou - e nem lhe fi - cou te - men - te. O

49 **C3**



qu/ele sa - bi - a/e - ra dar or - dem às cou - sas que/an - da - vam bam - bas

53



e por não ter fi - li/a - ção quis cri - ar e dar e - du - ca - ção.

57 **C4**



Fez tar - des no seu ter - rei - ro sem ma - lha no mi - lho/ha - ve - er

61



ha - vi - a/u - ma dan - ça sé - ria pa - ra gen - te pe - que - na/a - pren - der.

65 **C5**



Pri - mei - ros e sem mais na - da u - ma só - mo - da de/es - ta - ar

69



de - pois com fa - to/e tu - do pa - ra/os mo - ços a - jei - tar.

3. Romance do Tenente-coronel

A1. Se de vai de vira,
ai vira que vai o pau,
conte-me Senhor da Casa,
a quem se viu jogar de mau.

A2. Eu contar até podia,
mas não posso se me ouve,
que havia aqui na Terra,
gente grande que se louve.

B1. Ai que me conte Senhor,
que eu quero é saber,
de onde é que vem essa fama,
do que se veio a fazer.

A3. Ora baixinho,
le sussurro umas verdades
do Senhor que não sou eu
e que é digno de Potestades.

C1. Conta-se e me contaram,
certo dia num regato
esse Senhor descansado,
e le viu passar um gato.

C2. Azar se a Tia Xica,
Mas como era o Tenente,
nem pau arremessou,
e nem lhe ficou temente.

C3. O que ele sabia era dar ordem,
às cousas que andavam bambas
e por não ter filiação,
quis criar e dar educação.

C4. Fez tardes no seu terreiro,
sem malha no milho haver,
havia uma dança séria,
para gente pequena aprender.

C5. *Primeiros* e sem mais nada,
uma só moda de estar,
depois com fato e tudo,
para os moços ajeitar.

A4. Este Senhor Tenente
e Coronel e ainda mais cousas,
fez do seu ser também para outros,
num Vira que não dos *Minhoutos*.

A5. Tal qual e assim se julga,
o Juiz de lá de Barrelas,
só não calçava o Tenente,
umas meias amarelas.

B2. Foi de mansinho aos Teatros
e arranjou mobiliário,
fez *d'uma* sala auditório
e dos moços gente de ideário.

A6. Há uns até que estudaram
por ele e mais ninguém,
que *les* assinava as faltas
e dava comida como Pai e Mãe.

C6. Se Abraveses tem fama,
não é pelo seu Foral,
é pelos Pauliteiritos,
que assim *num* iam ao mal.

C7. Mas que se conte baixinho,
Baixinho é que se conte,
que as invejas são grandes
isto nem Rei nem *Biscontel*!

C8. Marcava as marcações,
no livro que só há um,
mas o Burguês é quem fazia
como sabia mais nenhum.

C9. Dava aos ensaios recanto
e andança ao atravancar,
Tinha o Tenente quem fosse,
mais Coronel no avançar.

A7. Mas isso de jogar,
não parece perigoso!
Diz-me você que há quem seja,
mais que o Rei invejoso?

B3. Olhe lá onde puder,
espreite onde espreitar,
conhece fama maior,
por maior que seja o lugar?

A8. Se sabem de fora
o que aqui há, aqui querem vir,
e não temos grande tempo,
para a todos assistir.

C10. Não joga o pau com maldade,
nenhum destes moços cantados,
e o Tenente-coronel, assim nunca
os queria ver pintados!

A9. Joga de mau quem
não sabe fazer o compasso,
deixai-lo ir faz favor,
não terá eira nem regaço.



4. “Com quem se vai casar” *Marca de Paus*

@s Pauliteirit@s Viseu Norte

Não, não é repetido. Com quem se vai casar, teve um ir de mãos produzindo som, com letra agarotada e, depois, assume-se o Tenente-coronel e seus Pauliteiritos. Tudo muda para o alto de Abraveses. O que era marca de ar de recreio e largo, tornou-se marca de pauliteiritos. Tornou-se jogo de paus. Como no Romance do Tenente-coronel “Se vai de vira / vira que vai o pau”...

Manteve-se na repercussão dos dias pela garantia d’@S PAULITEIRIT@S VISEU NORTE, e assim hoje, no reafirmar de que passando as eras, se alteram os fazeres. Os Pauliteiritos, como os Pauliteiros do Norte do país, inicialmente sempre dados a uma convivialidade masculina e local (de um nós, construído pela ancestralidade de uma nação), adaptam-se e cambiam para uma variação sem edital de género, nem tampouco barreira à pertença. “Nós” sendo os que dele fazem parte e lhe transportam o brio.



5. “Passa ora passa”

Marca de Paus

Os Antíguos

Não há fandango sem festa e vice-versa. Diz-se noutros lugares.

Não havia maneira de fechar as festas populares sem roubo temporário de carro de burra. Vejam lá atrás, por favor, senhoras e senhores. Isto no que diz respeito a Abraveses e às madrugadas de São João. Tomar por empréstimo, também, os vasos e bilhas, púcara cerâmicas das redondezas e ir espetá-las no Adro da Igreja, para guarda afincada dos meliantes, era uma outra garantia de quem crescia por aquelas bandas. Viessem os romanos ou quem com eles e nunca se aventurariam no dizer de quem mais ou melhor saltava telhados e varandas — aqui, se calhar, é exagero — agarrado à “púcara”. Servia para trazer a todos ao centro, contando nativas prosápias de Glória. Viste? Se vi! Quem foi afinal?

Dias no embalo da historieta. Que se repetia, por vezes, nos anos seguintes: “O ano passado é que foi? Lembras-te?”... por vezes.

Ou então em grupo (e assim a música que deu em marca de jogo de paus), de passar costas voltadas a púcara roubada — mãe, foi para o São João! — atira e segue, passa que passa, ora passou. O jogo era muitos, no final o atrevimento de jogar com vasilhame pelo ar, sem ver onde e para quem, restando ao seguinte não a deixar “catrapuzar”. Nem era zumba em caneca, era Passa ora Passa, simulando danças de aves para encanto da multidão (e de alguém nela, quase sempre).

5. Passa ora passa

Pas-sa o-ra pas-sa e tor-na/a pas-sar, a pú-ca-ra na ro-da e-la vai no ar vai na ro-da/a-ti - ra e tor-na/a-ti - rar a pú-ca-ra na ro - da e - la vai no ar.
Vê co-mo/a pú-ca-ra é frá-gil as - sim é/o meu co - ra - ção.
Tra - ta - o bem mi-nha lin - da por - que te te - nho pai - xão! Pas-sa o - ra

**Passa, ora passa
e torna a passar
a púcara na roda
ela vai no ar.**

**Vai na roda atira
e torna a atirar
passa com cuidado
para não quebrar.**

**1. Vê como a púcara é frágil
assim é o meu coração
trata-o bem minha linda
porque te tenho paixão.**

**Passa, ora passa
e torna a passar
a púcara na roda
ela vai no ar.**

**Vai na roda atira
e torna a atirar
passa com cuidado
para não quebrar.**

**2. Pois se é a ti que eu quero
não me atires ao ar
agarra-me ó minha linda
tenho amor para te dar.**

**Passa, ora passa
e torna a passar
a púcara na roda
ela vai no ar.**

**Vai na roda atira
e torna a atirar
passa com cuidado
para não quebrar.**

**3. Ó púcara, ó pucarinha
que passas de mão em mão
vai dizer à cara linda
que ela é a minha perdição.**



6. “Ronda das tascas”

Cantiga ao desafio

Os Antíguos

O que sobra de espaço de passagem, salvo a permanência efêmera dos visitantes? Na tradição da mobilidade é sempre notório um ou outro ponto espacial de designação de ocorrência. Notas para os viajantes futuros, assim se pode entender. Saramago foi-se numa Viagem a Portugal e se parasse por Abraveses teria onde encostar viatura e assuntar consoante o gosto.

Esta tocata, desenha e propõe um périplo pelos lugares de porta aberta e venda direta, entendidos sempre como um guia para os que são da terra e os que a ela vêm. Há uma vertente do orgulho em conhecer a variegada configuração que um povoado apresenta. Tanto aqui, neste caso. Os nomes e alcunhos dos proprietários, por outro lado, sobressaem na tipificação do espaço e suas originalidades.

Uma ronda que, diz-se em certos quadrantes, era prática incentivada, como corrida de resistência. Bifanas, percebes, tremoços, torresmos... e com que “regar”, claro. Do tinto ao que fosse.

6. Ronda das tascas

acordeão

Bo - a noi-te meus se - nho-res, va - mos à ron-da das tas-cas, bo - a
 noi-te meus se - nho-res, va - mos à ron-da das tas-cas. E se -
 nho-ras lin - das flo-res po-dem tam-bém sa - ir das cas-cas, e se -
 nho-ras lin - das flo-res po-dem tam-bém sa - ir das cas-cas.
 Es - tão to-dos con-vi - da-dos pa - ra es-ta tra-di - ça-ão, es - tão
 to-dos con - vi - da-dos pa - ra es-ta tra - di - ça-ão que'em A - bra -
 ve - ses a - con - te - ce di - a sim e di - a não, que'em A - bra -
 ve - ses a - con - te - ce di - a sim e di - a não.

1. Boa noite meus senhores
 vamos à ronda das tascas
 e senhoras, lindas flores
 podem também sair das cascas.

2. Estão todos convidados
 para esta tradição
 que em Abravezes acontece
 dia sim e dia não.

3. Partimos do Zé da Buxa
 ali mesmo ao pé da igreja
 e abençoados não há bruxa
 que nos pegue ou que nos veja.

4. À porta prende-se o cavalo
 e sentados em bancos de pedra
 com um tinto canta-se de galo
 e até o pequeno medra.

5. Mas com a PIDE tem cautela
 não lhe chegue a conversa
 que ao balcão é ouvida
 e passada logo à pressa.

6. Seguimos para o Virgílinho
 em frente à fonte antiga
 entre pipos e matraquilhos
 cantamos uma cantiga.

7. Comem-se tripas e entretinhas
 pela Rosa cozinhadas
 e da ti Maria Tremosseira
 tremossos vindos da ribeira.

8. Siga pro café da Pulga
 ali na rua da Bica
 e já só falta o percebejo
 a quem a Pulga se dedica.
 (é o Armando!)

9. Na viúva Gracindinha
 sempre vestida de preto
 há bom vinho e bons torresmos
 que enrijessem o esqueleto.

10. E ali no Zé das Merendas
 portas à cowboy pr'abrir.
 Desde as 4 da matina
 há bifanas a sair.

11. E na tasca do Armando
 entre copos e petiscos
 tem venda ao peso pra comprar
 pacote grande ou só uns chiscos.

12. E agora pr'acabar
 presidentes, zé povinho
 está na hora do jantar
 vamos ao Eduardinho.

13. Nesta tasca tão famosa
 todos arranjam lugar
 e entre pratos saborosos
 ouve-se fado cantar.



Notas

O Cancioneiro dito “dos Antíguos” é um projeto de cocriação desenvolvido em 2022 e 2023, realizado diretamente com os “Antigos Pauliteiritos de Abraveses” e a partir das suas partilhas quanto a alguns dos aspetos da história local e evolução da Vila, desde meados do século XX.

O Cancioneiro, com narrativa escrita e um conjunto de criações originais/adaptações musicais, no seu formato final, trata de enquadrar parte da vivência e sentir de quem nele participou. Os lugares nada são, sem as suas “gentes”.

Com o desenvolver do Cancioneiro, os contributos foram-se somando e configurando este resultado final. Seria impensável, ao início, conceber tantos e tão diversos intervenientes. Tantos e tão distintos saberes.

A todos, o nosso agradecimento.

Os Braveses

Ana Borges
António Magalhães
Armando Adães
Cristina Ferreira
Daniel Borges
Diogo Cardoso
Nando Mendes
Fernando Soares
Chico Borges
Francisco Ferreira
Inês Marques
Íris Coelho
Leandro Coelho
Leo Soares
Joana Matos
Joana Dias
Quim Dias
Pecko
Sconigth
Tiago Rodrigues

Antigos Pauliteiritos

Adelino Mendes
Hugo Correia
Marco Ferreira
António Santos
Álvaro Santos
António Magalhães
Daniel Pereira
Tiago Rodrigues
Pedro Pecko

@s Pauliteirit@s Viseu Norte

Maria João
Diogo Zhou
Salvador Correia
Salém Miguel
Ângela Dinamene
Simão Almeida
Diego Jesus
Maria Lourenço
Lara Paulo
Leonor Barbosa
Madalena Pacheco
Beatriz Santos

Orquestra

Leonor Gomes (guitarra)
André Santos (bandolim)
Dinis Sousa (cavaquinho)
Júlio Oliveira (acordeão)

Cantoras

Bianca Sarilho
Laura Ferreira
Yara Sá

Convidados especiais

Manuel Fonseca (A Voz do Rock)
Miguel Caetano (Pauliteiritos
de Abraveses e A Voz do Rock)
Manuel Sousa (Pauliteiritos
de Abraveses e A Voz do Rock)

Título

Cancioneiro dito “dos Antíguos”

Edição

Projecto Património /
Memória Comum — Associação

Coordenação e Edição/Textos Finais

Rui Macário Ribeiro

Direção Musical e Artística

Ana Bento

Ilustração

L Filipe dos Santos

Design e Registo

Luís Belo | Miolo e Meio, Lda.

ISBN: 978-989-99237-3-7
Depósito Legal: 522659/23

Impressão

Tipografia Beira Alta

O Cancioneiro foi financiado ao abrigo do Programa Municipal de Apoios Eixo Cultura Viseu 2022/2025, da Câmara Municipal de Viseu.

1.ª edição. 100 exemplares
Viseu/Abraveses, 2023

projectopatrimonio.com/cancioneiro



PRODUÇÃO



MEMÓRIA
COMUM

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

